

## O patrimônio educativo em tela: incursões pelos Anais dos Congressos Brasileiros de História da Educação (2011-2019)

### Resumo

O presente artigo analisa as comunicações que compõem os eixos específicos do Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE) sobre o “Patrimônio Educativo” e as temáticas ali apresentadas entre os anos de 2011 e 2019. Investigamos 135 trabalhos em cinco edições de um dos maiores eventos da área, com foco nas temáticas que são veiculadas nas comunicações, e os caminhos que a história da educação tem trilhado ao longo da segunda década do século XXI. As análises demonstram preponderância do trato com o patrimônio da escola, com uma incipiente discussão sobre os usos do patrimônio no ensino e mesmo no que se refere ao patrimônio de outras instituições, educativas ou não. Com relação aos acervos, há um predomínio do trabalho com os arquivos e centros de memória, com um espaço menor para o debate sobre os acervos de museus e bibliotecas escolares. O patrimônio educativo apresentado nos CBHEs é um meio de divulgar o que a comunidade de pesquisadores tem investigado, além de conhecer fragmentos do nosso passado educacional, para também tornar maior o conjunto de pessoas sensíveis e responsáveis pelo patrimônio que extrapola as práticas educativas e contribui para a construção da identidade coletiva, da cidadania.

**Palavras-chave:** Congresso Brasileiro de História da Educação; cultura material escolar; patrimônio educativo; historiografia educacional brasileira.

**João Paulo Gama Oliveira**

Universidade Federal de Sergipe –  
UFS – Itabaiana/SE – Brasil  
profjoaopaulogama@gmail.com

**Rosa Fátima de Souza Chaloba**

Universidade Estadual Paulista –  
UNESP – São Paulo/SP – Brasil  
rosasouzachaloba@gmail.com

### Para citar este artigo:

OLIVEIRA, João Paulo Gama; CHALoba, Rosa Fátima de Souza. O patrimônio educativo em tela: incursões pelos Anais dos Congressos Brasileiros de História da Educação (2011-2019). *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 24, n. 55, p. 339-367, maio/ago. 2023.

**DOI:** 10.5965/1984723824552023339

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723824552023339>

## Educational heritage on screen: incursions through the proceedings of the Brazilian Congress of History of Education (2011-2019)

### Abstract

This paper analyzes the oral presentations on themes within the field of “Educational Heritage” that were delivered in the Brazilian Congress of History of Education (CBHE) between 2011 and 2019. 135 works from five editions of this big event in the area were investigated. The focus was on themes disseminated in the presentations and on the paths the history of education has been walking throughout the second decade of the 21<sup>st</sup> century. Herein the analyses demonstrate the preponderance of discussions on school heritage, with an incipient approach to heritage of other institutions, educational or otherwise, and its use in teaching. Regarding document collections, most studies deal with archives and memory centers; meanwhile, little attention is given to debates on museum collections and school libraries. The educational heritage conveyed in such a congress provides one with access to the topics researchers have been investigating. It also allows one to learn fragments of our educational past, possibly making a larger group of people sensitive to and responsible for heritage, which extrapolates educational practices and contributes to the construction of a collective identity and citizenship.

**Keywords:** Brazilian Congress of History of Education; material school culture; educational heritage; brazilian educational historiography.

## Patrimonio educativo en pantalla: incursiones por los anuales de los Congresos Brasileños de Historia de la Educación (2011-2019)

### Resumen

El presente artículo analiza las comunicaciones que componen los ejes específicos del Congreso Brasileño de Historia de la Educación (CBHE) sobre el “Patrimonio Educativo” y las temáticas allí presentadas entre los años de 2011 y 2019. Investigamos 135 trabajos en cinco ediciones de uno de los mayores eventos del área, con enfoque en las temáticas que son vinculadas en las comunicaciones, y los caminos que la historia de la educación ha trillado a lo largo de la segunda década del siglo XXI. Los análisis demuestran preponderancia del trato con el patrimonio de la escuela, con una incipiente discusión sobre los usos del patrimonio en la enseñanza e incluso en lo que se refiere al patrimonio de otras instituciones, educativas o no. Sobre los acervos, hay un predominio del trabajo con los archivos y centros de memoria, con un espacio menor para el debate sobre los acervos de museos y bibliotecas escolares. El patrimonio educativo presentado en los CBHEs es una forma de divulgar lo que la comunidad de investigadores han investigado, además de conocer fragmentos de nuestro pasado educacional, para también volver mayor el conjunto de personas sensibles y responsables por el patrimonio que extrapola las prácticas educativas y contribuye para la construcción de la identidad colectiva, de la ciudadanía.

**Palabras clave:** Congreso Brasileño de Historia de la Educación; cultura material escolar; patrimonio educativo; historiografía educacional brasileña.

## Uma conversa inicial

Promovido pela Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) e criado em 1999, o Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE) consolidou-se como um dos principais espaços de diálogo entre os estudiosos da área e de divulgação das temáticas pesquisadas nos distintos espaços do país. Conforme Saviani *et al.* (2011), a promoção do Congresso já estava prevista nos primeiros Estatutos da Sociedade, tendo a sua primeira edição realizada no ano 2000, na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Os congressos seguintes ocorreram, de modo bienal, nas seguintes cidades: Natal (RN), Curitiba (PR), Goiânia (GO) e Aracaju (SE). Tendo em vista o ajuste de calendário, com o intuito de evitar a coincidência com o Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, o VI CBHE ocorreu em 2011, na cidade de Vitória (ES). As edições posteriores foram realizadas em Cuiabá (MT), Maringá (PR), João Pessoa (PB) e Belém (PA). O CBHE chegou a sua XI edição no ano de 2022, com o desafio de ter a primeira edição totalmente virtual, em decorrência da pandemia da Covid-19, tendo a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como instituição sede.

Entendemos que tanto pela expressiva participação dos estudiosos da área, como pela quantidade e qualidade das comunicações apresentadas, mesas e debates promovidos, os Anais do CBHE constituem-se como um dos caminhos possíveis para a compreensão dos trilhos que a história da educação tem percorrido nas duas últimas décadas no país. Nesse sentido, o presente trabalho analisa as comunicações que compõem os eixos específicos do CBHE acerca do “Patrimônio Educativo” e quais foram as temáticas ali apresentadas entre os anos de 2011 e 2019<sup>1</sup>. A justificativa do recorte temporal, concerne à inserção do termo “patrimônio” no título específico de um dos eixos do evento do ano de 2011 até 2019, quando foi realizado o último CBHE em Belém do Pará.

O patrimônio educativo no evento já foi abordado considerando outras perspectivas por Cunha e Campos (2020), Cabral (2021) e Gaspar e Souza (2021). Os

---

<sup>1</sup> O objetivo do trabalho constitui-se como um desdobramento da Pesquisa “A patrimonialização da escola: implementação de espaços de memória em instituições educacionais luso-brasileiras entre o final do século XX e o início do século XXI” realizada na Unesp/Araraquara, sob a supervisão da segunda autora, entre 2021 e 2022. O estágio de pós-doutoramento contou com bolsa de Pós-Doutorado Júnior do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Chamada CNPq 16/2020. Processo: 164654/2020-8.

primeiros autores estabeleceram como foco a presença de temáticas ligadas ao Patrimônio Cultural, designado como Patrimônio Histórico-Educativo em suas ocorrências nos CBHEs realizados entre 2000 e 2015. Para a realização do trabalho, em um primeiro momento, buscaram-se nos anais as palavras-chave: “Patrimônio Cultural”, “Escolar” ou “Educativo”. Uma vez que foi observada a dificuldade de localizar a palavra “patrimônio”, utilizaram-se de outros termos intimamente relacionadas com a área, como “Cadernos Escolares”, “Cultura Escrita”, “Arquivos Escolares”, “Cultura Material Escolar” e “Museus Escolares”. O levantamento realizado pelos citados autores identificou 155 trabalhos, sendo 100 analisados em seus temas, períodos e produtos.

Entre os anos de 2000 e 2006, período correspondente aos quatro primeiros congressos da SBHE, localizou-se um montante de 26 trabalhos na área. Já em 2008, no V CBHE, ocorrido em Aracaju (SE), as comunicações relacionadas ao tema passaram para 40, sendo tal aumento atribuído aos resultados do Projeto coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Rosa Fátima de Souza Chaloba (Unesp), ali apresentados<sup>2</sup>.

As conclusões dos pesquisadores destacam o aumento gradual de trabalhos na área após a criação de um eixo temático específico no CBHE de 2011, continuando nas edições seguintes de 2013 e 2015, além da presença de alguns temas e objetos privilegiados nos estudos em relação a outros pouco investigados. Para os autores, o crescimento de trabalhos na temática mostra “[...] a necessidade e até um certo furor de conservar, catalogar e salvaguardar o patrimônio histórico educativo que remete a uma cultura da memória e representa, de alguma maneira, expectativas e mentalidades coletivas das sociedades escolarizadas.” (CUNHA; CAMPOS, 2020, p. 12).

Por outro lado, Cabral (2021) trata do levantamento de artigos e comunicações a respeito da noção de patrimônio histórico-educativo, publicados na *Revista Brasileira de História da Educação*, *Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo* e em anais do CBHE. Em relação ao Congresso, a autora estabelece como recorte temporal o período de 2006 a 2019, com a identificação e a análise dos trabalhos relacionados com a questão do patrimônio histórico-educativo publicado nos eixos: Arquivos, Centros de

---

<sup>2</sup> Isso se explica pelo fato de os dois projetos – Por uma teoria e uma história da escola primária no Brasil: investigações comparadas sobre a escola graduada (1870 – 1950) e História da Escola Primária no Brasil: investigação em perspectiva comparada em âmbito nacional (1930-1961) –, coordenados por Rosa Fátima de Souza e financiados pelo CNPq, terem contemplado como um dos eixos de investigação a questão da cultura material escolar. Sobre essa temática, no âmbito desses dois projetos, ver: Castro (2011).

documentação, Museus e Educação (2006); Patrimônio Educativo e Cultura Material Escolar (2013; 2015) e Memória e Patrimônio Educativo (2017; 2019).

O foco da autora consistiu em analisar artigos relacionados com a salvaguarda e a preservação documental. As conclusões destacam que as comunicações se constituem como frutos de ações extensionistas e/ou de projetos de pesquisa, que culminaram com a organização de acervos escolares. Salienta-se não somente a ausência de um diálogo mais direto com a arquivologia, mas também a necessidade de repensar as ações para além da preservação das fontes de pesquisa e a própria memória escolar, com o intuito de garantir as mais variadas finalidades que ela possa atender.

Já Gaspar e Souza (2021) analisam a temática da cultura material escolar nos anais de todos os CBHEs, em meio a um estudo amplo, que abarca também periódicos, livros, teses e dissertações, buscando identificar não só autores e formatos, mas também temas e perspectivas da área no âmbito da história da educação brasileira. Trata-se de um trabalho de fôlego que traça caminhos percorridos e lança novas abordagens sobre o tema. Em relação aos Congressos, elas pontuam a emergência e a presença da categoria “cultura material escolar” como eixo temático, tanto no CBHE como no Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação e mesmo nos eventos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.

Diante do exposto, nenhum dos estudos arrolados intentou analisar de maneira verticalizada a temática do patrimônio educativo nos cinco anais do CBHE aqui mencionados, tarefa a qual buscou-se concretizar. Metodologicamente, para a realização do trabalho, em um primeiro momento, fez-se a análise do conjunto das 135 comunicações, que compuseram o eixo em cada uma das edições, de modo a identificar: autores e suas instituições; título; palavras-chave; objeto de estudo; objetivo; recorte temporal; referencial teórico, além de um campo com observações gerais, no qual foram feitas anotações acerca de cada um dos textos. Na sequência, traçou-se uma classificação prévia agrupando as comunicações em quatro eixos principais. Por fim, foram apontadas as temáticas veiculadas, algumas singularidades, confluências, inovações, bem como percalços que puderam ser identificados no conjunto das pesquisas.

## O patrimônio educativo nos Congressos Brasileiros de História da Educação: diálogos

Os congressos, suas temáticas e escolhas pelos eixos temáticos possuem uma historicidade. Há interesses e vontades, perspectivas teóricas, linhas de investigação e a concentração, ou não, de estudos de determinadas áreas. No que concerne ao objeto em análise, Cunha e Campos (2000) constatam a presença das discussões sobre patrimônio educativo, mesmo antes da instituição do eixo específico, tendo sido localizado um conjunto de 66 comunicações na área, no decorrer das cinco primeiras edições do evento.

Para Saviani *et al.* (2011, p. 36), os eixos do CBHE são criados tanto para atender às demandas da comunidade de pesquisadores, como para estimular determinados debates, considerados relevantes pela SBHE. Dentro da segunda perspectiva, foi criado, por exemplo, o eixo “Arquivos, Centros de Documentação e Museus Escolares” no IV CBHE, não tendo prosseguimento no evento seguinte.

Os dados levantados pelos citados autores mostram que, no V CBHE, o eixo “Culturas e Práticas Escolares e Educativas” foi o que mais recebeu trabalhos; um total de 184 dos 932 aprovados. Possivelmente, por conta de tal volume, já no VI CBHE, foi criado o eixo “Patrimônio Educativo e Cultura Material Escolar”. Tal mudança insere-se em meio a uma série de ajustes, que foram realizados nos eixos temáticos do evento de forma geral. Vejamos o quadro 1 com a sistematização das temáticas do CBHE e os eixos em que constam “Patrimônio Educativo”:

Quadro 1 – O Eixo do “patrimônio educativo” nos CBHEs (2011-2019)

CONGRESSO/ANO	TEMA DO EVENTO	EIXO TEMÁTICO
VI CBHE/2011	Invenção, Tradição e Escritas da História da Educação no Brasil	Patrimônio Educativo e Cultura Material Escolar
VII CBHE/2013	Circuitos e Fronteiras da História da Educação no Brasil	Patrimônio Educativo e Cultura Material Escolar
VIII CBHE/2015	História da Educação: matrizes interpretativas e internacionalização	Patrimônio Educativo e Cultura Material Escolar
IX CBHE/2017	A História da Educação: global, nacional e regional	Memória e Patrimônio Educativo
X CBHE/2019	História da Educação: Democracia e Diversidade Cultural	Memória e Patrimônio Educativo

Fonte: Quadro elaborado pelos autores com base nos anais dos CBHEs, 2022.

Uma primeira constatação é a opção pela terminologia “Patrimônio Educativo” e não “Patrimônio Escolar”, “Patrimônio Histórico-Educativo” ou “Patrimônio da Educação”, entre tantas outras possibilidades. O título abre espaço para um patrimônio que extrapola os limites da escola, que abarca também o material e o imaterial, o tangível e o intangível. Amplia as possibilidades de recebimento de trabalhos e delimita um espaço específico para o patrimônio “ao lado” da “cultura material escolar”.

As mudanças efetivadas na nomenclatura precisam ser analisadas em diálogo com as produções dos Grupos de Pesquisas no Brasil e com o redirecionamento, os avanços e recuos dos estudos. Tal acréscimo, no início da segunda década do século XXI, pode ser inserido em uma série de debates, produções<sup>3</sup> e eventos nacionais, e internacionais, que colocaram a temática em relevo.

Em âmbito nacional, chama-se atenção para a discussão que pesquisadores brasileiros travaram sobre o patrimônio educativo, anos antes da criação do Eixo no CBHE. Souza (2013) assinala que, no IX Congresso Ibero-americano de História da Educação Latino-americana, ocorrido no Rio de Janeiro em 2009, um grupo de pesquisadores elaborou o documento, intitulado “Proposta Inicial de Grandes Linhas de Discussão para a IV Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação sobre Patrimônio Histórico Educativo”. A proposta foi sistematizada por Maria Teresa Santos Cunha e Vera Lúcia Gaspar da Silva, levando em consideração as contribuições de uma série de investigadores da área. Nesse mesmo âmbito, Menezes (2013) rememora que tal pleito não foi atendido, sendo recomendado que o patrimônio educativo estivesse inserido no campo do patrimônio científico, cultural e tecnológico brasileiro.

Ainda com base no depoimento da aludida pesquisadora, salienta-se a criação da Rede Ibero-americana para Investigação e Difusão do Patrimônio Histórico-Educativo (RIDPHE), tendo o início das atividades datado de 2008. Em 2013, a Rede já contava com mais de 200 pesquisadores de diferentes estados brasileiros, além de Portugal, Espanha e de vários países da América Latina. A RIDPHE tem sido responsável por uma série de ações, entre elas os Simpósios Iberoamericanos: História, Educação, Patrimônio Educativo, que ocorrem, anualmente, em diferentes países, desde 2012, e a *Revista*

---

<sup>3</sup> Para uma análise sobre as produções brasileiras acerca da cultura material escolar nas últimas décadas, entre outros, sugerimos a leitura de Gaspar e Souza (2021).

*Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo*, cuja edição inaugural foi publicada em 2015.

Acerca das produções, entre tantos outros aspectos que podem ser analisados, salientamos os dois Encontros de Arquivos Escolares e Museus Escolares: o primeiro, promovido pelo Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em História da Educação (NIEPHE), ocorreu entre os dias 26 e 28 de julho de 2005, na Universidade de São Paulo; o segundo aconteceu sob a coordenação da Linha de Pesquisa de História e Historiografia da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná e do Centro de Documentação e Pesquisa em História da Educação (CDPHE) no ano de 2008. Embora os eventos não tenham continuado, seus Anais constituem-se como possíveis caminhos para a compreensão do debate acerca dos acervos escolares brasileiros na primeira década do século XX.

Em outra perspectiva, listamos dossiês (Quadro 2) publicados em Revistas na área da Educação, que tratam direta ou indiretamente do patrimônio educativo.

Quadro 2 – Dossiês relacionados com o patrimônio educativo, veiculados em periódicos brasileiros (2005-2020)

REVISTA (ANO)	DOSSIÊ	ORGANIZADORA (AS)
<i>Revista Brasileira de História da Educação</i> (2005)	Arquivos Escolares: desafios à prática e à pesquisa em história da educação	Diana Gonçalves Vidal
<i>Pró-Posições</i> (2005)	Cultura escolar e cultura material escolar: entre arquivos e museus	Maria Cristina Menezes
<i>Revista Brasileira de História da Educação</i> (2007)	A cultura material na História da Educação: possibilidades de pesquisa	Rosa Fátima de Souza
<i>Linhas</i> (2010)	Cultura escolar e seus suportes materiais	Gladys Mary Ghizoni Teive, Elisa Maria Quartiero e Vera Gaspar
<i>Revista Brasileira de História da Educação</i> (2011)	Arquivos, objetos e memórias educativas: práticas de inventário e de museologia	Vera Gaspar e Margarida Felgueiras
<i>Educar em Revista</i> (2013)	Cultura material escolar: abordagens históricas	Marcus Levy Bencostta e Rosa Fátima de Souza
<i>Linhas</i> (2014)	Arquivos e Acervos Escolares	Maria Teresa Santos Cunha e Rosa Fátima de Souza Chaloba
<i>Educar em Revista</i> (2015)	Patrimônio, educação, museus: história, memória e sociedade	Zita Possamai e Cláudio de Sá Machado Júnior



<i>Linhas</i> (2015)	Objetos, Espaços, Cultura e Rituais na História das Instituições e Práticas Escolares	Gizele de Souza e Anamaria Bueno de Freitas
<i>Linhas</i> (2018)	Acervos, livros e leituras	Eliane Peres, Chris de Azevedo Ramil
<i>Educar em Revista</i> (2019)	Cultura Material em História(s): artefatos escolares e saberes	Gizele de Souza e Vera Lucia Gaspar da Silva
<i>História da Educação</i> (2020)	História da Educação: Sensibilidades, patrimônio e cultura escrita	Luciane Sgarbi Santos Graziotin e Eduardo Cristiano Hass da Silva
<i>Linhas</i> (2020)	Testemunhos Materiais de Práticas Educativas: algumas abordagens históricas	Francisca Comas Rubí e Vera Gaspar

Fonte: Quadro construído pelos autores a partir dos sites dos Periódicos citados, 2022.

Diante do Quadro, nota-se a presença de cinco dossiês antes da criação do eixo no CBHE sobre “patrimônio”, mas nenhum trazendo explicitamente o termo. Somente em 2015, a *Educar em Revista* publicou os trabalhos que integraram o Dossiê “Patrimônio, educação, museus: história, memória e sociedade”. Outro aspecto que chama atenção é o papel que a *Revista Linhas* tem desempenhado nas publicações relacionadas com a temática, contando com cinco Dossiês, com uma preponderância em detrimento dos demais periódicos, inclusive os específicos de história da educação.

No âmbito internacional, concordamos com Mogarro e Namora (2016) quando evidenciam que, nos últimos anos, o patrimônio cultural tem ganhado espaço no campo da educação e da história com um crescente número de publicações coletivas, que mostram a consolidação de linhas de pesquisas sobre a cultura escolar e o patrimônio educativo, como também de instituições museológicas, dedicadas ao tema. Situa-se tal panorama com um movimento transnacional, que:

[...] exprime modalidades simultaneamente convergentes e específicas de perspectivar o patrimônio educativo e a cultura escolar, encontrando-se segmentos homólogos entre os diferentes países, a par do estudo em profundidade das realidades nacionais que foram configurando os sistemas educativos ao longo do tempo [...] A emergência deste campo, que ainda podemos considerar em construção apesar da maturidade alcançada, alargou e diversificou as orientações, perspectivas, discursos, temas, metodologias e fontes de informação, estabelecendo a

convergência com outros campos do conhecimento além da história e da educação. (MOGARRO; NAMORA, 2016, p. 27)

No que se refere a Portugal, Felgueiras (2017, p. 159) mostra como, no final do século XX, a “preocupação em recolher, estudar e disponibilizar as diversas tipologias de fontes” frutificou no “Projeto para um Museu Vivo da Escola Primária” e no “Projeto para o Instituto Histórico da Educação”. Embora ambos não tenham sido concretizados, como na formulação inicial, as iniciativas fizeram com que seus idealizadores investissem esforços em outras ações, incluindo o trabalho com os espólios das escolas primárias de Gondomar e a constituição do Núcleo de Memória Escolar de Murça.

Já entre 2010 e 2013, Maria João Mogarro coordenou o projeto “Educação e Patrimônio Cultural: escolas, objetos e práticas”, financiado pela Fundação para Ciência e Tecnologia (FCT), desenvolvendo uma série de ações, como exposições, encontros científicos e mais de 100 publicações, incluindo livros e capítulos de livros nacionais e internacionais, além da construção do Museu Virtual da Educação (Muve)<sup>4</sup>. Alguns desses trabalhos contaram com a participação direta de pesquisadoras brasileiras, como Rosa Fátima de Souza Chaloba e Diana Vidal (MOGARRO; NAMORA, 2016).

O citado projeto também esteve articulado à realização do IX Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, que ocorreu em julho de 2012, na Universidade de Lisboa, com o tema “Rituais, Espaços e Patrimônio Escolar”. O evento contou com 750 participantes e, consoante com Mogarro e Namora (2016, p. 13), “constituiu um importante momento de consolidação dos laços entre as duas comunidades científicas, em torno do tema do patrimônio cultural, educativo e científico”.

No Brasil, na apresentação do Dossiê “Arquivos Escolares: desafios à prática e à pesquisa em história da educação”, Vidal (2005) assinalava a preocupação com a preservação de acervos, colocando os pesquisadores da área em diálogo com a arquivística e a museologia, além da imersão no debate sobre a cultura material. Nesse período, os CBHEs contavam com eixos dedicados a temas correlacionados à “cultura

---

<sup>4</sup> Alguns dos resultados das pesquisas desenvolvidas no âmbito do Projeto podem ser consultados na obra, que leva o mesmo nome da investigação, coordenada por Maria João Mogarro: MOGARRO, Maria João (coord.). *Educação e patrimônio cultural: escolas, objetos e práticas*. Lisboa: Edições Colibri; Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2016.

escolar”. Vejamos as denominações: “Culturas escolares e profissão docente no Brasil” (2002); “Cultura escolar e práticas educacionais” (2004); “Cultura e práticas escolares” (2006); “Cultura e práticas escolares e educativas” (2008).

Nota-se como as culturas escolares, no plural, dialogam inicialmente com a profissão docente no país. Nas edições seguintes, a “cultura escolar” aparece conjugada com “práticas educacionais”. Depois, consta somente a designação “cultura”, acompanhada de “práticas escolares”, ampliando-se para “práticas escolares e educativas”. Em 2011, há uma mudança para o trato com a “cultura **material** escolar” (grifo nosso) e o diálogo com o “patrimônio educativo”. Tais títulos dos eixos dizem respeito à própria historiografia<sup>5</sup> educacional brasileira. Façamos uma breve digressão para tratarmos de algumas dessas categorias. Começamos por cultura material. Para Ulpiano Meneses:

A chamada ‘cultura material’ participa decisivamente na produção e reprodução social. No entanto, disso temos consciência superficial e descontínua. Os artefatos, por exemplo, são não apenas produtos, mas vetores de relações sociais. Que percepção temos desses mecanismos? Não se trata, apenas, portanto, de identificar quadros materiais de vida, listando de objetos móveis, passando por estruturas, espaços e configurações naturais, até obras de arte. Trata-se, isto sim, de entender o fenômeno complexo da apropriação social de natureza física/ (MENESES, 1994, p. 12)

Dentro dessa perspectiva, e em diálogo com a história da educação, entende-se que as pesquisas na área não devem se limitar à identificação e à listagem de objetos e instituições educativas, mas avançar na análise e na compreensão da “apropriação social de natureza física”, o que, sem dúvidas, é desafiador. Em outro texto, o autor trata de maneira mais específica sobre os artefatos e compreende que eles: “estão permanentemente sujeitos a transformações de toda espécie, em particular de

<sup>5</sup> Referimo-nos à historiografia em diálogo com os escritos sobre “A operação historiográfica” de Michel de Certeau ao afirmar que: “Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um *lugar* (um recrutamento, um meio, uma profissão etc.), *procedimentos* de análise (uma disciplina) e a construção de um *texto* (uma literatura). É admitir que ela faz parte da ‘realidade’ da qual trata, e que nessa realidade pode ser apropriada ‘enquanto atividade humana’, ‘enquanto prática’. Nesta perspectiva, gostaria de mostrar que a operação história se refere à combinação de um *lugar* social, de *práticas* científicas e de uma *escrita*. Essa análise das premissas das quais o discurso não fala, permitirá, dar contornos precisos às leis silenciosas que organizam o espaço produzido como texto. A escrita histórica se constrói em função de uma instituição cuja organização parece inverter: com efeito, obedecer a regras próprias que exigem ser examinadas por elas mesmas” (CERTEAU, 2008, p. 66).

morfologia, função e sentido, isolada, alternada ou cumulativamente. Isso é, os objetos materiais têm uma trajetória, uma biografia.” E complementa: “para traçar e explicar as biografias dos objetos é necessário examiná-los ‘em situação’, nas diversas modalidades e efeitos das apropriações de que foram parte. Não se trata de recompor um cenário material, mas de entender os artefatos na interação social.” (MENESES, 1998, p. 92).

Os estudos sobre cultura material e artefatos ganharam espaço na área da história da educação entre o final do século XX e início do século XXI. Conforme Felgueiras (2005, p. 96), “com o conceito de cultura material olha-se a escola na sua globalidade, relacionando-a com as possibilidades que a sociedade lhe confere e com o modo como esta se relaciona com a escola”. Vidal (2017, p. 46) explica que: “Quando nos referimos à cultura material, tratamos tanto de artefatos quanto dos elementos materiais do mundo que nos cerca como o meio ambiente, a natureza, a urbanização das cidades, a arquitetura dos edifícios ou mesmo o tempo.”

Por outro lado, Felgueiras (2005, p. 95) compreende a “cultura escolar” como “conjunto de atitudes, sentimentos, sistemas de pensamento e de conhecimentos ministrados na escola”. Em uma definição já clássica na historiografia educacional brasileira, o pesquisador francês Dominique Julia (2001, p. 10) define a cultura escolar, incluindo a identificação, em um sentido mais amplo, de: “modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que não concebem a aquisição de conhecimentos e de habilidades, senão por intermédio de processos formais de escolarização”.

Em diálogo estreito com a concepção de “cultura escolar” e “cultura material”, Felgueiras (2010, p. 27) compreende que o termo “cultura material escolar” é oriundo da arqueologia, do materialismo histórico, mas foi recuperado pela Nova História Francesa e, então, focado na educação, com a finalidade de “reintroduzir a atenção aos factos repetitivos do quotidiano, no que representam estruturas relativamente estáveis, que enquadram as acções dos actores e de que estes, muitas vezes, não tomam consciência”. Entendendo então a cultura como “conjunto de resultados materiais, fruto de acções distintas inspiradas por uma mesma tradição”.

O pesquisador espanhol Viñao Frago (2008) estabelece quatro componentes básicos acerca da cultura material escolar das instituições educativas, a saber: a

disposição e a distribuição dos espaços e tempos escolares; os utensílios de aula, como estufas, relógios, retratos, armários, estantes e, sobretudo, o material de alunos e professores, além de sua disposição em sala de aula; o material didático escolar, com a distinção do material produzido no exterior da escola e utilizado no espaço educacional, além daqueles que são construídos dentro da instituição como fruto das próprias atividades; por fim, a produção audiovisual escolar.

Rosa Fátima de Souza assinala que:

A expressão cultura material escolar, por sua vez, passou a ser utilizada na área da História da Educação nos últimos anos, influenciada pelos estudos em cultura escolar, pela renovação na área provocada pela Nova História Cultural e pela preocupação crescente dos historiadores em relação à preservação de fontes de pesquisa e de memória educacional em arquivos escolares, museus e centros de documentação. Ao recortar o universo da cultura material especificando um domínio próprio, isto é, dos artefatos e contextos materiais relacionados à educação escolarizada, a expressão não apenas amplia o seu significado reinserindo as edificações, o mobiliário, os materiais didáticos, os recursos audiovisuais, e até mesmo as chamadas novas tecnologias do ensino, como também remete à intrínseca relação que os objetos guardam com a produção de sentidos com a problemática da produção e reprodução social. (SOUZA, 2007, p. 170)

Para o estudioso italiano Juri Meda (2015), a cultura material da escola possui duas abordagens: uma que trata de maneira mais específica da parte material, com foco em definir as relações ditas originais com as práticas educativas efetivadas em sala de aula, sendo que o objeto material tem uma disposição didática com finalidade e uso específico. Outra, que compreende a cultura material da escola como resultado de um processo advindo da crescente demanda educativa, de modo que a função pedagógica não ocupa um lugar central. Assim, para além de ser um objeto material, tem-se um produto industrial e um objeto de consumo.

Na análise de Vidal (2017, p. 51), a produção ibero-americana na área da cultura material escolar está relacionada com o primeiro enfoque exposto pelo pesquisador italiano, sendo que tal discussão “[...] vem associada à concepção de patrimônio histórico-educativo, da intervenção museológica e da reconstrução etnográfica da

memória educativa”. Em todo caso, é preciso atentar-se para as relações que a cultura material escolar possui com o chamado patrimônio educativo<sup>6</sup>.

Para Silva (2020), a categoria “patrimônio educativo” é recente, tendo surgido nos últimos 30 anos, sendo que o interesse pelo patrimônio educativo seguiu o influxo de pesquisadores que tomam a cultura material e imaterial da escola e da educação, de maneira mais ampla, como objeto principal das suas análises. Sendo assim, localiza-se, inclusive, o uso da cultura material e imaterial como sinônimo de patrimônio escolar, de modo que os estudiosos da área têm seguido um influxo internacional com um crescente interesse, tanto acadêmico como social, pela ideia da cultura como patrimônio.

Souza (2013, p. 205) situa o patrimônio educativo, ali denominado de patrimônio escolar, no campo do patrimônio cultural no Brasil, sublinhando como “o trato com a materialidade da escola tem reivindicado a atenção cuidadosa para o valor histórico e cultural desse patrimônio”. Tal entendimento extrapola uma concepção restrita de analisar a escola, mas advoga que as discussões da área da história da educação devem integrar um debate mais amplo que tem o patrimônio como cerne. Para François Hartog,

O patrimônio é uma maneira de viver as rupturas, de reconhecê-las e reduzi-las, referindo-se a elas, elegendo-as, produzindo semióforos. Inscrito na longa duração da história ocidental, a noção conheceu diversos estados, sempre correlatos com tempos fortes de questionamento da ordem do tempo. O patrimônio é um recurso para o tempo de crise. Se há assim momentos do patrimônio, seria ilusório nos fixarmos sobre uma acepção única do termo. (HARTOG, 2006, p. 272)

A partir de tal conceituação, insere-se o debate sobre patrimônio educativo. As assertivas do autor mostram uma “patrimonialização galopante” na década de 1990, sendo que “No decorrer destes anos, a vaga patrimonial, em sintonia com a da memória, portanto, tomou cada vez mais amplitude até tender para este limite que seria o ‘tudo patrimônio’” (HARTOG, 2006, p. 268). No caso da história da educação, a discussão emerge em meio a um cenário de valorização da memória educacional, inicialmente focada em seus acervos documentais e de objetos, no final do século XX, inserindo, a

---

<sup>6</sup> Diferentes pesquisadores têm abordado a temática do patrimônio educativo. Sugerimos, entre outros, a leitura de Cunha (2015); Cunha e Campos (2020); Gil e Almeida (2013); Menezes (2014); Oliveira (2023); Possamai (2012); Silva e Orlando (2019); Souza (2013); Zancul (2015).

*posteriori*, outros âmbitos da educação e alargando esse debate a ponto de ser criado um eixo específico no maior Congresso da área, na segunda década do século XXI, somado a publicações em revistas, livros e à formação de rede específica de pesquisadores.

Para Silva (2020, p. 206), “Patrimônio educativo descreve um conjunto complexo de bens/artefatos, materiais e/ou imateriais resultantes e/ou produzidos em contextos educacionais formais e/ou não formais situados temporal e espacialmente”. A definição integra o *Dicionário temático de patrimônio: debates contemporâneos*, inserindo-se na segunda parte da obra composta por novas temáticas, “surgidas em especial a partir dos anos 1990, que trazem inflexões ao campo patrimonial e destacam sua atualidade e pertinência no cotidiano das pessoas” (CARVALHO; MENEGUELLO, 2000, p. 27).

O verbete situa-se junto às definições de patrimônio cultural, ciência e tecnologia (PCC&T); mulheres e patrimônio; patrimônio audiovisual; patrimônio da ditadura; patrimônio e ofícios; patrimônios afro-brasileiros, patrimônios difíceis (sombrios), entre outros; o que é um indicativo da consolidação do campo em meio ao debate mais amplo sobre o patrimônio, com ênfase nessas novas temáticas que começaram a ser desbravadas nas últimas décadas.

Se, no âmbito acadêmico, temos o aludido Dicionário como um indicativo do reconhecimento do patrimônio educativo na área do patrimônio, no espaço dos governos estaduais, citamos o exemplo da obra *Patrimônio escolar: uma saga republicana*, que se constitui como o volume 4 da “Coleção Patrimônio Paulista”, que conta com a divulgação dos bens tombados pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat) em São Paulo (GORDINHO; CANNABRAVA; TEODORO; ASSENCIO, 2013). A obra expõe edificações escolares, construídas entre 1890 e 1930, e concentra-se em um patrimônio edificado e tombado pela sua excepcionalidade. O fato da publicação de um volume específico, centrado em escolas, também aponta para uma sistematização do debate sobre o patrimônio educativo para além dos pesquisadores universitários. Elementos esses fundamentais para a consolidação da área.

Souza (2013) identifica quatro âmbitos de atuação da questão do patrimônio na educação assim especificados: criação de museus e centros de documentação e memória; realização de encontros científicos; iniciativas de grupos de pesquisas de preservação da cultura material em instituições escolares e publicações relacionadas ao tema. Nesse

sentido, observa-se que tanto a criação de espaços de memória escolar, como também a salvaguarda da cultura material, são veiculadas em eventos da área, entre eles os CBHEs.

### O patrimônio educativo nos Congressos Brasileiros de História da Educação (2011-2019): uma incursão

Iniciamos nossas incursões pelos Anais de cinco congressos, dos dez já realizados, com o foco voltado para os eixos relativos ao “patrimônio” e às temáticas ali veiculadas em 135 trabalhos. É preciso destacar de maneira inicial a dificuldade de localizar os Anais de um dos principais congressos da área em meio virtual, além da falta de ferramenta para efetuar buscas mais específicas nos trabalhos publicados, sendo que cada Congresso estabelece uma forma diferenciada de agregar as comunicações. Outro desafio corresponde aos resumos, que não foram acompanhados dos trabalhos completos; textos que foram excluídos da presente análise.

O levantamento aponta que os trabalhos apresentados nos eixos acerca do “patrimônio” nos CBHEs (2011-2019), de uma maneira geral, podem ser assim classificados: 1 – comunicações, que tratam da memória de maneira mais ampla, sem relação direta com as discussões sobre patrimônio educativo, sobretudo nas duas últimas edições, quando o eixo mudou de nomenclatura; 2 – estudos que trabalham com a cultura escolar e a cultura material escolar, por meio de discussões diversas; são os trabalhos que se sobrassem no conjunto analisado; 3 – um conjunto de estudos sobre a organização de acervos, constando aqui arquivos, bibliotecas e museus escolares, centros de memória e documentação; 4 – trabalhos que tratam do patrimônio educativo, nos quais aparece o termo “patrimônio” em seu título, e/ou nas palavras-chave e/ou ao longo do texto como uma categoria central.

No que se refere ao primeiro grupo de trabalhos, após a identificação dos textos que não abarcavam discussões diretamente relacionadas ao tema, os artigos foram excluídos da análise. Tal constatação também serve de alerta para a necessidade de maior delimitação dos eixos do congresso, como também de um redirecionamento de determinados trabalhos para outros espaços, que contribuam para um diálogo mais próximo entre os especialistas em determinada área da história da educação. No X CBHE, o eixo “Memória e Patrimônio Educativo” é assim apresentado na sua ementa:



Processos e práticas de guarda, seleção, catalogação e preservação de acervos escolares; patrimônio educativo material e imaterial e sua importância para História da Educação; manejo de fontes documentais e arquivos; consolidação de centros de memória, museus educativos e pedagógicos; relações entre memória e História da Educação; História Oral e patrimônio histórico educacional; ações educativas em museus e relações com pesquisa e/ou ensino de História da Educação. (CBHE, 2019, p. 80, grifo nosso)

Pelo exposto, nota-se como a abertura para o trato com “relações entre memória e História da Educação” resultou no recebimento de textos que não tratam de maneira mais direta com o patrimônio educativo, mas enveredam por diferentes meandros da memória, ou discutem acerca das fontes e da pesquisa na área.

A análise demonstra que os trabalhos com foco na temática da cultura material escolar e da cultura escolar, que são de maior incidência dentro do eixo, exploram: arquitetura, objetos e artefatos, de maneira mais geral, ou particular, como: animais taxidermizados, quadros parietais, instrumentos para o ensino de química, materiais escolares, mobiliário, hinário, cinematógrafo, projetos pedagógicos, uniformes, fotografias, indumentárias, cadernos, mapas, troféus, diários de classe, cartilhas, livros didáticos e manuais pedagógicos. São analisados também revistas e jornais, comerciais e estudantis, além de álbuns fotográficos com focos diferenciados, inclusive como patrimônio educativo.

Constam ainda romances, diários e mesmo o trabalho com novas tecnologias para a digitalização de fontes, que dizem respeito à cultura material escolar, além de sistemas para o gerenciamento de dados de acervo escolar. No âmbito das disciplinas escolares, sobressaem-se as pesquisas de Ciências, História, Geografia e Química, algumas com foco em seus objetos, outras na iconografia e, principalmente, nos livros didáticos.

Acerca das instituições estudadas, tem-se um destaque para os grupos escolares e para a educação primária de maneira mais geral, incluindo as escolas isoladas; todavia, também constam trabalhos sobre escolas normais, em diferentes âmbitos, como arquitetura, formação de professores, bibliotecas e manuais. No tocante ao ensino secundário, localiza-se uma ênfase em instituições confessionais, católicas. Ainda constam comunicações sobre acervos de creches, escolas técnicas e organização de

acervos de educação no ensino superior, como é o caso de trabalhos vinculados à Universidade Federal de Minas Gerais, por exemplo o do Centro de Memória de Engenharia e o do Centro de Estudos sobre a Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer.

Ainda com relação às instituições escolares, pode-se realçar a presença do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo e os vários trabalhos realizados com seu acervo, sobretudo museológico, a construção de inventários e análises de determinadas coleções e objetos. Tais pesquisas foram realizadas pelo Núcleo de Estudos Escola e seus Objetos (NEO), liderado por Katya Braghini, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Também cabe um destaque a diferentes escolas da cidade de Campinas (SP), cujos acervos foram trabalhados, sobretudo, por integrantes do Civilis, Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação, Cultura Escolar e Cidadania, comandado por Maria Cristina Menezes.

Sobressaem-se ainda as pesquisas conduzidas por Vera Gaspar, da Universidade do Estado de Santa Catarina, e por seu grupo, constantes nos anais de todos os eventos analisados. São estudos derivados de diferentes projetos, que tratam da cultura material escolar, com base em variadas óticas, com contribuições significativas para o avanço dos estudos da área, ao lançar luz sobre temas pouco explorados na historiografia brasileira.

Ao identificar os textos que tratam do patrimônio educativo para além da escola, nota-se que abarcam instituições, como o Instituto Franciscano de Antropologia, o Grêmio Literário Português, o Memorial Padre Carlos em Poços de Caldas (MG) e o Movimento de Educação de Base em Tefé (AM); assim como análises a partir de instituições arquivísticas, como o Arquivo Público do Pará e o Arquivo da Delegacia de Ordem Política e Social do Paraná, por exemplo.

As comunicações dedicam-se também a acervos localizados em arquivos, bibliotecas, centros de memória e museus escolares. Acervos de História Oral, além de docentes e seus acervos privados. Localizam-se ainda estudos sobre determinados objetos em redes de ensino, por exemplo, no Maranhão, Pará e Santa Catarina e mesmo com foco no Brasil como um todo. Embora o número maior de trabalhos seja das regiões Sul e Sudeste, nota-se como as pesquisas das outras regiões do país têm ocupado espaço dentro do eixo. Estados como Mato Grosso do Sul, Pernambuco, Pará, Paraíba, Sergipe e

Rio Grande do Norte despontam no trato com diferentes objetos de investigação, inclusive com comunicações relacionadas com os acervos educativos.

A análise dos anais também possibilitou identificar a organização de um conjunto de centros de memória, arquivos e museus escolares. Os arquivos escolares são apresentados desde a sua organização, ou não, até problematizações sobre o seu acervo e questionamentos sobre a preservação de determinados documentos em detrimento de outros. De modo geral, os trabalhos reiteram a relevância da preservação dos documentos de instituições educacionais, apresentam traços do histórico das escolas e demonstram alguns dos itens salvaguardados, incluindo, certas vezes, imagens de diferentes estágios da ação no espaço físico. Muitas dessas pesquisas dialogam com o que Peres (2019) denominou de “gesto artesão à prática científica” ao tratar da experiência do Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Didáticos (Hisales).

Ainda dentro dessa perspectiva, são apresentados os arquivos das seguintes escolas: Grupo Escolar Joaquim Sales (Rio Claro/SP); Escola Estadual João Ramalho (Diadema/SP); Colégio Estadual Murilo Braga (Itabaiana/SE) e Escola Estadual Marechal Antônio Alves Filho (Emaaf, de Petrolina/PE). Além da organização do acervo do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.

Dos centros de memória constituídos no espaço escolar, destacamos a presença do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (Cemas), criado em 2005, e do Centro de Pesquisa Documentação e Memória do Colégio de Aplicação (Cemdap), da Universidade Federal de Sergipe, instituído em 2016. Constam também iniciativas lideradas por instituições educacionais superiores, mas contando com acervos da Educação Básica, como é o caso do Centro de Memória da Educação do Sul de Santa Catarina (Cemessc) e do Laboratório de Informação, Arquivo e Memória da Educação (Liame).

De maneira geral, as pesquisas têm o foco em um Centro de Memória; o trabalho de Paulilo (2017) constitui-se como uma exceção ao abordar o desdobramento de um Projeto que se concentra em dez Centros de Memória e Documentação Civil Militar. Entre as suas considerações finais, o autor destaca que a variedade tipológica dos materiais encontrados “evidencia uma prática de arquivamento e guarda onívora”, e, por outro

lado, de maneira geral, os acervos contêm “documentação, livros e objetos que afixam o protagonismo de determinados intelectuais e instituições na organização do ensino público no Brasil.” (PAULILO, 2017, p. 5966).

A partir de outra perspectiva, os trabalhos de Kalline Santos e Virgínia de Ávila (2017), como também de Vivian Andrade (2017), apresentam resultados de pesquisas que digitalizaram e disponibilizaram documentos na internet; a primeira, vinculada ao Projeto “Os Arquivos Escolares como Fonte de Pesquisa para a História da Educação”, do Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Educação no Sertão do São Francisco (GEPHESF)<sup>7</sup>; e a segunda, no repositório História da Educação do município de Bananeiras (HEB)<sup>8</sup>, na Paraíba. Tais estudos apresentam aspectos diferenciados, que podem ser inseridos em outra categoria da organização de espaços de memória escolar, físico-virtual interinstitucional, pois integram Projetos voltados para várias escolas, inclusive de diferentes municípios e estados, mas contando com o cerne da preservação no espaço físico da escola e da divulgação do patrimônio educativo documental na rede.

O que corrobora as assertivas de que, para além do eixo sul e sudeste, com iniciativas consolidadas, há outros trabalhos em distintos espaços do Brasil, com destaque para algumas ações exitosas que tratam dos acervos de escolas públicas no Nordeste do Brasil. Projetos como os que unem as tecnologias com o patrimônio educativo, ou mesmo que já adquiriram reconhecimento da comunidade escolar e acadêmica, como é o caso do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (Cemas), que, há quase duas décadas, continua na difícil tarefa de articular ensino, pesquisa e extensão, contando com a produção de um conjunto variado de obras, além de monografias, dissertações e teses (ALVES, 2016; OLIVEIRA, ALVES, COSTA, FONSECA, 2020; OLIVEIRA, 2023).

Em outro âmbito, há um conjunto, ainda pequeno, de estudos que relacionam o patrimônio educativo e o ensino, ou mesmo que exploram ações da educação patrimonial. Os trabalhos são frutos de projetos já desenvolvidos com a apresentação em escolas públicas de diferentes redes, que colocam em diálogo estudantes e professores da Educação Básica com distintos aspectos do patrimônio material da escola. Há um

---

<sup>7</sup> Para mais informações, acessar o seguinte site: <http://gephesf.upe.br/acervo-digital/>.

<sup>8</sup> Disponível no seguinte endereço eletrônico: [www.cchsa.ufpb.br/heb](http://www.cchsa.ufpb.br/heb).

destaque não só para o uso dos acervos escolares como recursos para o processo de ensino-aprendizagem de determinadas disciplinas, mas também como justificativa para a sua preservação e manutenção nas instituições de ensino. Tais estudos apresentam o patrimônio como uma categoria central e inovam ao relacionar patrimônio educativo, pesquisa e ensino.

As comunicações que seguem tal perspectiva reiteram os escritos de Gonçalves (2009, p. 31) ao afirmar que: “O patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar ou comunicar: é bom para agir”. Trabalhos assim também contribuem para a “intervenção” no âmbito da história da educação, pois como acentua Felgueiras (2017, p. 166): “A responsabilidade como investigadores e cidadãos passa pela nossa capacidade em dar visibilidade, estudando, valorizando, dando a conhecer, sensibilizando, formando novas gerações de historiadores”. Ou mesmo, formando jovens que reconhecem a escola e suas práticas como patrimônio, que se reconhecem nessa dinâmica de ensino-aprendizagem, que se tornem protagonistas dessas histórias, construídas no dia a dia das práticas educativas, que valorizam e edificam conceitos e valores em diferentes espaços educativos da sociedade.

### Conclusões provocativas

As conclusões são também uma provocação, que a incursão realizada possibilitou pensar junto àqueles que trabalham/pesquisam/militam no trato com o patrimônio educativo no Brasil. Ao analisar os anais dos CBHEs, notou-se que a delimitação de seus eixos temáticos e a capacidade de absorção de pesquisadores, em cada um dos espaços para o diálogo, é também um terreno fértil para a análise da recente historiografia educacional brasileira.

Com um olhar direcionado para a temática do patrimônio educativo, observou-se que as comunicações da área já eram veiculadas no evento, mesmo antes da instituição de um eixo específico para o debate. Vale ressaltar que, no IV CBHE, em 2006, foi criado o eixo temático: “Arquivos, centros de documentação, museus e educação”, cuja presença não continuou nas edições posteriores com tal nomenclatura. Contudo, as análises apontam que tais discussões passaram a integrar outros eixos, sobretudo “Culturas e

práticas escolares e educativas”, em 2008, e depois alocou-se no trato com os acervos no eixo “Patrimônio educativo e cultura material escolar”, a partir de 2011.

Souza (2013) questiona qual o sentido das práticas de salvaguarda do patrimônio escolar. Buscando responder tal propositura, a partir dos trabalhos investigados, percebe-se que os pesquisadores da área têm utilizado tais práticas, sobretudo, para a realização de suas pesquisas, mas não só. Há também inovações não somente nos usos dos espaços de memória escolares e educacionais, mas também dos artefatos patrimonializados nas aulas contemporâneas, assim como a disponibilização virtual dos acervos para aqueles que tiverem interesse e/ou necessidade de consulta.

Observou-se ainda que as discussões em torno do chamado patrimônio imaterial são incipientes, mas já podem ser registradas em um eixo, cuja nomenclatura abre margem não só para a educação escolar formal, mas abraça diferentes experiências educativas e, quiçá, estimule os estudiosos da área a enveredarem por outras searas, rompendo antigos paradigmas, dialogando com outras áreas do conhecimento, aventurando-se. Atento às recomendações de Nóvoa (2017, p. 207) em *Carta a um jovem historiador da Educação*: “O que importa, na ciência, é a capacidade de ver de outro modo, de pensar de outro modo. Se repetirmos o mesmo, encontraremos o mesmo. Sem transgressão não há descoberta, não há criação, não há ciência”.

Constatou-se também que os trabalhos, frutos de Projetos mais amplos e liderados por Grupos de Pesquisa, foram compartilhados em uma sequência de eventos do CBHE. O que, de certa forma, também mostra a consolidação das pesquisas em rede e a verticalização das análises em determinado aspecto do patrimônio educativo, a depender do campo de investigação, dos líderes do Projeto. Tais grupos também são cruciais nas análises que tratam da organização e da pesquisa nos acervos, sendo que há uma predominância do trabalho com os arquivos e centros de memória.

No âmbito conceitual, embora o Eixo agregue o patrimônio educativo e a cultura material escolar, há uma recorrência principal ao diálogo com autores da temática da cultura material escolar, o que também pode ser justificado pela própria historicidade do eixo aqui esboçada. Os autores dos textos analisados centram seu diálogo, especialmente, nos pesquisadores vinculados à história da educação, sobretudo espanhóis, com uma tímida recorrência aos clássicos do patrimônio. Observa-se também

que os referenciais teóricos utilizados nas comunicações, em sua maioria, são datados do final do século XX e início do XXI, sem uma necessária atualização da bibliografia.

Nesse mesmo sentido, nota-se um incipiente diálogo com o patrimônio cultural e mesmo com o PCC&T. Granato, Araújo e Ribeiro (2020) reconhecem que existem intersecções entre o PCC&T e o patrimônio educativo; embora trabalhos como os de Zancul (2015) apontem caminhos possíveis, são raros os pesquisadores da área que trilham por esses itinerários.

Convém, aqui, ponderar as assertivas de Chuva (2012) ao mostrar a multidisciplinaridade no campo do patrimônio e as possibilidades de ampliação dos diálogos. Em contrapartida, tem-se também um “campo de batalhas” com diversas áreas do conhecimento em meio à disputa pelo domínio do patrimônio. Talvez, aí resida uma das justificativas para a pouca inserção da comunidade de pesquisadores da área no debate patrimonial. Mesmo assim, entende-se como necessária e urgente a ampliação do olhar para além do patrimônio educativo, situando-o em um debate, mais largo, que toma o patrimônio como objeto.

Deve-se também tecer algumas reflexões sobre os caminhos trilhados e as perspectivas da área: como os acervos educativos estão enfrentando a problemática da arquivística, da museologia e da biblioteconomia? Ou, como os acervos da educação têm dialogado com as ciências da informação? Em que medida a parceria com as necessárias tecnologias da informação e comunicação, no trato com os acervos, tem mudado a constituição dos espaços e mesmo algumas das premissas básicas da pesquisa na área? Como os profissionais da história da educação têm dialogado com as secretarias municipais e estaduais da educação, tanto no processo de proteção como no de problematização de bens e artefatos educativos patrimonializados? O que tem impedido uma maior articulação entre os estudiosos de áreas afins ao patrimônio educativo, para a realização de um trabalho em rede? Ações de compartilhamento não só de experiências exitosas ou malogradas, mas também com o aprofundamento teórico-metodológico, as estratégias utilizadas nos desafios diários, na constituição e na manutenção desses espaços, bem como na luta por políticas públicas para a área.

Se, por um lado, é possível constatar um acentuado número de trabalhos no eixo em análise, nota-se que a concentração em determinadas temáticas e modelos “prontos”

de análise impede a investigação por outras searas cruciais para o avanço do campo. Por que o tão pouco interesse pelo patrimônio como objeto em si? Como justificar a falta de diálogo mais direto com a área do patrimônio, de maneira mais ampliada? Quais as contribuições possíveis para o questionamento dos conceitos tão utilizados e pouco problematizados? Qual a historicidade do próprio campo do patrimônio educativo no Brasil?

Em outra perspectiva, é possível problematizar como as temáticas emergentes na história da educação têm sido exploradas no trato com o patrimônio educativo? Até que ponto o trabalho voltado para as “grandes” e “históricas” escolas impede também de ver outros patrimônios a serem problematizados? É imprescindível atentar que “Jogos de poder variados conformam certa tradição historicamente construída de quais bens/artefatos devem ser legados às gerações futuras e, assim, conversados e preservados, e quais não.” (SILVA, 2020, p. 208).

Sem dúvidas, ainda estamos no campo dos desafios a serem enfrentados e com interrogações sem respostas. Por ora, concluímos com as palavras da pesquisadora Margarida Felgueiras (2017, p. 167) acerca da herança educativa: “Não amamos o que desconhecemos, não salvaguardamos o que nos é indiferente. A nossa responsabilidade não termina aqui. A herança educativa faz parte do nosso viver em conjunto, da construção da identidade coletiva”.

O patrimônio educativo veiculado nos Congressos Brasileiros de História da Educação é um meio de divulgar o que a comunidade de pesquisadores tem investigado, além de conhecer fragmentos do passado educacional, para também tornar um maior conjunto de pessoas sensíveis e responsáveis por um patrimônio que extrapola as relações educativas e contribui para a construção da identidade coletiva, da cidadania, ao colocarmos em tela a herança educativa, por meio de diferentes temáticas que integram o chamado patrimônio da educação no Brasil.



## Referências

- ALVES, Eva Maria Siqueira. A edificação do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense. **Rev. Iberoam. Patrim. Histórico-Educativo**, Campinas, v. 2, n. 2, p. 37-50, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/9243>. Acesso em: 20 nov. 2022.
- ANDRADE, Vivian Galdino. As novas tecnologias e a história da educação: A digitalização de fontes para a pesquisa na cidade de Bananeiras/PB. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 9., 2017, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: UFPB, 2017. v. 1. p. 6282- 6296.
- CABRAL, Anne Emílie Souza de Almeida. A temática do patrimônio histórico-educativo em periódicos e congressos da área da História da Educação. **Boletim Historiar**, São Cristóvão/SE, v. 8, n. 4. p. 03-22, out./dez. 2021. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/historiar/article/view/16975>. Acesso em: 26 nov. 2022.
- CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina (org.). Apresentação. **Dicionário temático de patrimônio: debates contemporâneos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. p. 23-28.
- CASTRO, César Augusto (org.). **Cultura material escolar: a escola e seus artefatos (MA, SP, PR, SC e TD, 1870-1925)**. São Luís: EDUFMA: Café e Lápis, 2011.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- CHUVA, Márcia. Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil. **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, v. 34, p. 1-15, 2012.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. Acervos escolares: olhares ao passado no tempo presente. **Revista História da Educação – RHE**, Porto Alegre, v. 19, n. 47, p. 293-296, set./dez., 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/58105>. Acesso em: 19 nov. 2022.
- CUNHA, Maria Teresa Santos; CAMPOS, Émerson César de. Um itinerário de pesquisa: Aspectos sobre a temática patrimônio histórico-educativo na história da educação (2000-2015). **Rev. Iberoam. Patrim. Histórico-Educativo**, Campinas, v. 6, p. 1-16, 2020. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/14332>. Acesso em: 29 nov. 2022.
- ESCOLANO BENITO, Agustín. **A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia**. Trad. Heloísa Pimenta Rocha e Vera Lúcia Gaspar da Silva. Campinas: Alínea, 2017.
- FELGUEIRAS, Margarida Louro. Materialidade da cultura escolar. A importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. **Pro-Posições**, Campinas, v. 16, n. 1 (46), p. 87-102, jan./abr., 2005. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643756>. Acesso em: 21 nov. 2022.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Cultura escolar: da migração do conceito à sua objectivação histórica. In: FELGUEIRAS, Margarida Louro; VIEIRA, Carlos Eduardo (eds.). **Cultura escolar, migrações e cidadania**. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2010. p. 17-32.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Preservar a herança educativa: desafios, limites e possibilidades. In: ALVES, Luís Alberto Marques; PINTASSILGO, Joaquim (coord.). **Investigar, intervir e preservar em história da educação**. Porto: CITCEM, 2017. p. 153-169.

GRANATO, Marcus; ARAÚJO, Bruno Melo de; RIBEIRO, Emanuela Sousa. Patrimônio cultural da ciência e tecnologia (PCC&T). In: CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina. (org.). Apresentação. **Dicionário temático de patrimônio**. Debates contemporâneos. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. p. 139-143.

GASPAR da SILVA, Vera Lucia; SOUZA, Gizele de. Material school culture in the fields and gardens<sup>1</sup> of the history of education: a look at academic production in Brazil (2000-2020). **Educació i Història: Revista d'Història de l'Educació**, Barcelona, n. 38, p. 79-104, 2021. Disponível em: [https://issuu.com/institut-destudis-catalans/docs/issuu\\_eduh\\_38](https://issuu.com/institut-destudis-catalans/docs/issuu_eduh_38). Acesso em: 30 nov. 2022.

GIL, Carmen Zeli de Vargas; ALMEIDA, Doris Bittencourt. Patrimônios da educação: o ensino e a pesquisa. **Revista Latino-Americana de História**, São Leopoldo, v. 2, n. 6, p. 121-136, ago. 2013. (Edição Especial). Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/view/181>. Acesso em: 25 nov. 2022.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 25-33.

GORDINHO, Margarida Cintra (textos); CANNABRAVA, Iatã; TEODORO, Malu; ASSENCIO, Vinicius; (fotos). **Patrimônio escolar: uma saga republicana**. São Paulo: Terceiro Nome, 2013. v. 4. (Coleção patrimônio paulista).

HARTOG, François. Tempo e patrimônio. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/qhLrpqw77Bgwq8Gv3wbRX4x/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 nov. 2022.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-44, 2001 Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749>. Acesso em: 23 nov. 2022.

MEDA, Juri. A “história material da escola” como fator de desenvolvimento da pesquisa histórico-educativa na Itália. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 16, n. 30, p. 7-28, jan./abr.,

2015. Disponível em:

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723816302015007>.

Acesso em: 18 nov. 2022.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e Cultura Material: Documentos Pessoais no Espaço Público. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 21. p. 89-103, 1998.

Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2067>. Acesso em: 16 nov. 2022.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 9-42, jan./dez, 1994. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5289>. Acesso em: 26 nov. 2022.

MENEZES, Maria Cristina. Entre porões e sótãos: O Patrimônio Histórico-Educativo em cena. [Entrevista concedida a Maria Teresa Santos Cunha e Rosa Fátima de Souza Chaloba] **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 223-249, jan./jun. 2014. Disponível em:

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723815282014223>.

Acesso em: 20 nov. 2022.

MOGARRO, Maria João, NAMORA, Alda. Educação e Patrimônio Cultural: Escolas, Objetos e Práticas, Perspectivas multidisciplinares sobre a cultura material. MOGARRO, Maria João (coord.). **Educação e patrimônio cultural: escolas, objetos e práticas**. Lisboa: Edições Colibri; Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2016. p. 9-44.

NÓVOA, António. Carta a um jovem historiador da educação. In: ALVES, Luís Alberto Marques; PINTASSILGO, Joaquim (coord.). **Investigar, intervir e preservar em história da educação**. Porto: CITCEM, 2017. p. 205-214.

OLIVEIRA, João Paulo Gama; ALVES, Eva Maria Siqueira; COSTA, Rosemeire Marcedo; FONSECA; Simone da Silva. Fontes e acervos na escrita da história de uma instituição educacional: o lugar do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (CEMAS). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju, v. 2, n. 50, p. 423-450.

2020. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/rihgse/article/view/14585>. Acesso em:

26 jun 2023.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. Desafios políticos para a instalação e manutenção do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (2005-2019). In: PAULILO, André Luiz; CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da; CAMPELLO, Lorena de Oliveira Souza (org.). **A Pesquisa em acervos da escola e da educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2023. p. 183-206.

PAULILO, André Luís. Acervos da Educação em Centros de Memória e Documentação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 9., 2017, João Pessoa. **Anais Eletrônicos** [...]. João Pessoa: UFPB, 2017. p. 5960-5968.

PELEGRINI, Sandra C. A. O patrimônio cultural no discurso e na lei: trajetórias do debate sobre a preservação no Brasil. **Patrimônio e memória**, Assis: CEDAP, v. 2, n. 2, p. 61-84,

2006. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/37/37>. Acesso em: 19 nov. 2022.

PERES, Eliane Terezinha. A constituição de um arquivo e a escrita da história da educação: do gesto artesão à prática científica. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, v. 19, n. 49, p. 219-242, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/47152>. Acesso em: 25 nov. 2022.

POSSAMAI, Zita Rosane. Patrimônio e história da educação: aproximações e possibilidades de pesquisa. **Revista História da Educação**, [Porto Alegre], v. 16, n. 36, p. 110-120, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/19976>. Acesso em: 21 nov. 2022.

SANTOS, Kalline Lima dos; ÁVILA, Virgínia. Pereira da Silva. Escola Marechal Antônio Alves Filho e a preservação da memória educacional: mapeamento dos dossiês dos alunos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 9., 2017, João Pessoa. **Anais Eletrônicos** [...]. João Pessoa: UFPB, v. 1, 2017. p. 6116-6127.

SAVIANI, Dermeval, et al. Sociedade Brasileira de História da Educação: constituição, organização e realizações. **Revista Brasileira de História da Educação**, [Maringá], v. 11, n. 3 (27), p. 13-45, set./dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38762>. Acesso em: 25 nov. 2022.

SILVA, Cristiani Bereta da. Patrimônio educativo. In: CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina (org.). **Dicionário temático de patrimônio: debates contemporâneos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. p. 205-209.

SILVA, Alexandra Lima da; ORLANDO, Evelyn de Almeida. Memória e patrimônio na história da educação: possibilidades e desafios. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 18, n. 2, p. 425-444, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/50293>. Acesso em: 20 nov. 2022.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 163-189.

SOUZA, Rosa Fátima de. Preservação do Patrimônio Histórico Escolar no Brasil: notas para um debate. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 14, n. 26, p. 199-221, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723814262013199>. Acesso em: 19 nov. 2022.

VIDAL, Diana Gonçalves. Arquivos Escolares: desafios à prática e à pesquisa em história da educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, [Maringá], n. 10, p. 71-73, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38646>. Acesso em: 26 nov. 2022.

VIDAL, Diana Gonçalves. História da Educação como Arqueologia: cultura material escolar e escolarização. In: ALVES, Luís Alberto Marques; PINTASSILGO, Joaquim (coord.). **Investigar, intervir e preservar em história da educação**. Porto: CITCEM, 2017. p. 45-62.

VIÑAO FRAGO, Antonio. La escuela y la escolaridad como objetos históricos. Facetas y problemas de la historia de la educación. **História da Educação**, Pelotas: ASPHE/FaE/UFPel, v. 12, n. 25, p. 9-54, maio/ago. 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/29059>. Acesso em: 23 nov. 2022.

ZANCUL, Maria Cristina de Senzi. Patrimônio educativo e patrimônio histórico-científico no Brasil: alguns apontamentos. **Museologia e Patrimônio – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – Unirio/MAST**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 104-122, 2015. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/440/0>. Acesso em: 28 nov. 2022.

Recebido em: 31/03/2022  
Revisões requeridas em: 17/10/2022  
Aprovado em: 12/12/2022

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE  
Revista Linhas  
Volume 24 - Número 54 - Ano 2023  
[revistalinhas@gmail.com](mailto:revistalinhas@gmail.com)